

TACURU, BATEIA E PEJADA: ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL NO DISTRITO NOSSA SENHORA DA GUIA

Sandra Regina Franciscatto BERTOLDO (CESUR; USP)¹

RESUMO

A necessidade de identificar e registrar as variedades da língua portuguesa, na sua variante brasileira, tem levado pesquisadores a se dedicarem à coleta lexical em diferentes pontos do país, na tentativa de evidenciar, a partir da fala dos sujeitos/informantes, variedades existentes na língua portuguesa e apontar, a partir de então, os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais que caracterizam esta variante brasileira. Prova disso, são os Atlas Lingüísticos Regionais que surgiram a partir do Atlas Prévio dos Falares Baianos publicado por Nelson Rossi, em 1963, bem como, o trabalho que vem sendo desenvolvido para publicar o primeiro Atlas Lingüístico do Brasil com amostras dialetais das cinco regiões brasileiras. O presente trabalho se soma a essa tarefa de identificação dos falares nacionais e traz uma amostra de uma extensa pesquisa desenvolvida no Distrito Nossa Senhora da Guia que teve como *corpus* o falar dos seus moradores e buscou identificar possíveis variedades existentes na linguagem desse grupo social.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Dialetoal; Léxico; Falar Cuiabano.

Introdução

As pesquisas que se têm feito no intuito de identificar as variedades do português brasileiro de norte a sul delimitam fronteiras lingüísticas divergentes das fronteiras geográficas, evidenciando que essa diversidade é provocada pelos processos migratórios vivenciados no Brasil e que propiciam a constituição de um falar com sensitivas características histórico-culturais.

O presente artigo propõe uma breve discussão sobre essas questões e traz uma amostra de um extenso trabalho de coleta e análise semântico-lexical desenvolvido com

¹ Centro de Ensino Superior de Rondonópolis – CESUR – Rua Ari Coelho, 829, Bairro Salmen, CEP 78700-000, Rondonópolis/MT, maestrasandra@gmail.com; sandrarfb@usp.br
Universidade de São Paulo – USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa – Programa de Pós –Graduação *Stricto Sensu* – Doutorado; Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

os moradores idosos do Distrito Nossa Senhora da Guia – Mato Grosso – durante o programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, em nível de mestrado, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do professor Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

Afinal, “nosso objeto de estudo é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade lingüística”. (Calvet *apud* Labov, 2002, p.32).

Falares e culturas: a língua como elemento de identificação cultural

A idéia de que a língua abarca fatores sociais, culturais e étnicos indissociáveis da história da comunidade de uso nos fazem compreender que a análise lingüística é um processo que se une a outras ciências humanas.

Entendemos que não há como identificar o falar de um grupo específico se não lançarmos olhar para os elementos que contribuem para a constituição lexical e que são objetos de estudo da sociologia, da filosofia, da antropologia entre outros.

É uma tarefa de muitas mãos e intensos estudos; uma atividade interdisciplinar que envolve áreas do saber ligadas, mesmo que indiretamente, à lingüística, como destaca Santiago-Almeida (2000, p.18) *apud* Dell Hymes:

Ao comentar ensaios cujo foco principal é a história social da linguagem, [HYMES] se coloca na condição de lingüista trabalhando em antropologia, esperando que a interdisciplinaridade seja uma preocupação efetiva em qualquer estudo das ciências humanas, dizendo que lingüistas, antropólogos, sociólogos e outros podem fazer suposições que não são verdadeiras e se espantar com muitos fatos que não são novos sem a contribuição que a história social pode dar.

Esta afirmativa reforça a idéia discutida inicialmente por Saussure de que a língua “é a parte social da linguagem” e ainda de que ela “é uma constituição social” e, por isso, nenhuma ciência que trate das questões humanas é capaz de produzir um resultado satisfatório quando baseada, unicamente, no pensar individual e isolado.

Não há como negar, portanto, a necessidade de se propor um trabalho que envolva as ciências da língua(gem) e àquelas que discutem as relações homem/sociedade para realizar um estudo que marque, verdadeiramente, as raízes da língua portuguesa na sua variante brasileira. Afinal:

Língua se manifesta como uma atividade social e histórica desenvolvida interativamente pelos indivíduos com alguma finalidade cognitiva, para dar a entender ou para construir algum sentido. (...) Língua é atividade sócio-interativa sempre voltada para alguma finalidade e secundariamente serve para transmitir informações e representar o mundo, porque tanto as informações transmitidas quanto o mundo representado são sobretudo produtos ou frutos de um processo interativo em que a língua atua. (MARCUSCHI *apud* CORTEZ, 2003, p.132)

Desse modo, quando o pesquisador se lança numa atividade de coleta e análise lexical, as ciências como a dialetologia, a lexicografia e a sociolingüística – com seus devidos recortes – se tornam imprescindíveis para a genuinidade da investigação, pois cada qual se apresenta como um instrumento de pesquisa complementar a outra, e juntas conduzem à compreensão de **língua como elemento de identificação cultural**.

Nesse processo, a Dialetologia – ciência que se dedica à coleta e classificação das variedades e variantes dialetais de um mesmo idioma subdividindo-as geograficamente – oferece elementos para a investigação, propriamente dita, do léxico de um determinado grupo social, com vistas à região onde se encontra e às raízes étnicas desses pontos de inquérito. É essa ciência que nos fornece ferramentas para pensar, projetar, desenvolver o trabalho de campo pretendido e, especialmente, identificar os elementos lexicais coletados entre os falantes, os quais contribuirão na

pesquisa e se somarão a outras ciências do léxico para se fazerem conhecidas e compreendidas no contexto lingüístico a que se aplicam. Tomamos os exemplos das pesquisas de campo já realizadas e que resultaram nas publicações que hoje temos como suporte às novas investigações da língua portuguesa, dentre as quais citamos *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral.

Parafraseando Cardoso e Ferreira (1994, p.9), salientamos que “é o trabalho de campo o melhor livro de dialetologia que se conhece” e compreendemos, portanto, a amplitude de ações que provoca essa ciência da linguagem.

Da mesma forma, imprescindível à investigação dos falares regionais e/ou nacionais é a Sociolingüística que tem como objeto de investigação o “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIN *apud* MUSSALIM e BENTES, 2001, p.31), compreendendo que, para o estudo lingüístico, as diferentes maneiras de falar são resultado das vivências dos falantes no meio em que estão inseridos e das experiências que somam ao longo da vida.

Não se pode ingressar numa comunidade de fala e investigar suas escolhas lexicais sem identificar o espaço em que esta pesquisa se desenvolve e os sujeitos/informantes que participam do trabalho. A sociolingüística nos fornece ferramentas para tal empreitada organizando os grupos sociais por classe social, idade, sexo, etnia, crenças e religião, costumes e expectativas individuais e coletivas.

A lexicografia, por sua vez, surge da necessidade de se registrar o uso, o significado e o funcionamento de uma unidade lexical realizada num grupo de falantes, por meio dos dicionários que “constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua.” (BIDERMAN, 2001, p.131).

Para Oliveira e Isquierdo (2001, p.17), “a lexicografia é a ciência dos dicionários” e ganhou ênfase no Brasil a partir da obra de Rafael Bluteau (1712-1728): *Vocabulário Português-Latino*.

Ao trazemos essa ciência para um trabalho de investigação da língua(gem) buscamos, sobretudo, identificar a existência (ou não) de registros dos lexemas coletadas na fala dos sujeitos e já marcadas pela uso freqüente. Os dicionários de língua portuguesa subsidiam as análises desses vocábulos e, assim, selecionamos dicionaristas/dicionários que contribuiriam para investigar os lexemas coletados, sendo: Pe. Raphael Bluteau - 1712; Antônio de Moraes Silva – 1813; Frei Domingos Vieira – 1871; Laudelino Freire - 1922; Francisco Júlio Caldas Aulete - 1948; Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - 1986; Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar – (Houaiss) 2001 e Francisco S. Borba – 2002.

Temos em Silva-Corvalán *apud* Ferreira e Cardoso (1994, p.19) a sugestão de que **dialetologia** e **sociolingüística** são ciências, até certo ponto, sinônimas, pois “estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos.”

Assim, se quisermos compreender e estudar a diversidade dos falares brasileiros precisaremos, primeiramente, ter claro que os fenômenos das mudanças lingüísticas estão interligados a fatores externos (sociais) e a fatores internos (lingüísticos).

**A constituição da pesquisa semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia:
determinação do *locus* e do *corpus* investigativo**

O fazer científico se consolida na pesquisa de campo, pois é pela observação e pela vivência que o pesquisador é capaz de dinamizar as teorias apreendidas na literatura. Ousamos dizer ainda, que só temos condições de afirmar nossos posicionamentos científicos quando vamos a campo observar, experimentar e verificar as teorias que concebemos.

Assim se procede, especialmente, com a pesquisa lexical!

Ao intencionarmos desenvolver um trabalho de investigação lexical, já devemos ter visualizado o *locus*, sugerido os pontos de inquérito e, especialmente, determinado o *corpus* investigativo em uma metodologia clara e que especifique a trajetória a ser cumprida pelo pesquisador.

Nessa perspectiva direcionamos a pesquisa no Distrito Nossa Senhora da Guia (doravante nomeado de Guia ou Distrito da Guia): um lugarejo no interior de Mato Grosso, localizado a quarenta quilômetros da capital Cuiabá que ganhou destaque nos idos 1850 por sua localização privilegiada às margens do Rio Coxipó-Açú – lugar de parada para as tropas dos navegantes que abasteciam a capital.

Distrito da Guia: breves dados históricos do *locus* investigativo

Os primeiros a trilharem o solo mato-grossense, conforme relata a história, foram os paulistas que, através de suas expedições fluviais, caçavam índios que pudessem ser comercializados e transformados em mão-de-obra escrava. Nessas andanças em que os bandeirantes devassavam o interior da Colônia à procura de índios, o metal precioso – ouro – foi descoberto casualmente e se transformou no maior motivador da colonização de Mato Grosso e, seqüente expansão.

Siqueira *et ali* (1990, p.8) salienta que:

Foi na busca dos índios Coxiponé que a bandeira de Antonio Pires de Campos, em 1718, atingiu o rio Coxipó. No encalço dessa bandeira, veio outra, comandada por Pascoal Moreira Cabral (1719) a qual, acidentalmente, encontrou ouro nas barrancas do citado rio. Com a descoberta aurífera, teve início uma nova etapa de atividade nessa região. A função de caçar índios ficou relegada a segundo plano, cedendo lugar às atividades mineradoras, praticadas de forma rudimentar, pois não contavam os bandeirantes com instrumentos de minerar.

Os autores destacam, ainda, que a quantidade de ouro existente não era suficiente para o crescimento econômico e a sustentabilidade da região e, tampouco, daqueles que exploravam o minério. Contudo, esta possibilidade era ignorada e a informação de haver minas de ouro em Cuiabá e arredores resultou em um aumento populacional desordenado que trouxe muitos outros problemas sociais para os bandeirantes.

Com a mineração incontrolável e precária, em dois anos os bandeirantes pioneiros esgotaram os veios auríferos do Rio Coxipó – local onde foram encontrados os primeiros indícios de ouro na região – e foi imprescindível buscar novos locais de exploração mineral ou outros meios de subsistência, pois o número de mineradores aumentava dia após dia e não havia condições de mantê-los ali sem as providências e o atendimento às suas necessidades vitais.

Neste cenário se constituiu o Distrito da Guia!

Documentos diversos registram como possível data de surgimento da Guia o período correspondente entre os anos de 1736 e 1744, comprovando que o lugarejo apareceu no século XVIII – período em que Cuiabá ganhava atenção da Capitania Portuguesa e, conseqüente, desenvolvimento.

Antes de ser nomeado Distrito, Guia recebeu o título de *Freguezia* – nome dado às vilas ou aos lugarejos que detinham maior poder político na época – e

representava uma fatia importante da economia cuiabana, pois era um dos mais importantes produtores de açúcar e farinha da região.

O Distrito tem influência dos colonizadores nordestinos, mineiros e, especialmente, paulistas em virtude da procedência de todas as expedições vindas à Cuiabá: São Paulo. Apesar de haver registros de povos indígenas aos arredores da Guia, não há evidências de sua interação com os colonizadores ou participação na expansão do local. É necessário destacar, porém, que a mão-de-obra escrava usada nas fazendas e engenhos marcou a mestiçagem que compõe a população da Guia.

A proximidade com o grande centro Cuiabá não alterou, significativamente, os traços histórico-culturais da época dos colonizadores. No local, há atenção especial para os lugares que marcam a constituição do Distrito da Guia, tais como: a ponte de ferro, a igrejinha de madeira e algumas casas de adobe conservadas como patrimônio histórico-cultural de Guia.

Outro fator relevante no local da pesquisa e que oferece elementos para o estudo semântico-lexical é a religiosidade da população guiense. Os cantos sacros ouvidos ao longo dos inquéritos, bem como, as imagens que decoram as paredes das casas dos sujeitos/informantes evidenciam que a fé é o que dá sustentação a um grupo limitado financeiramente pelos escassos recursos da agricultura de pequeno porte e da pecuária primária.

Guia é um local de rica história onde a arquitetura e a variante lingüística do local remontam o tempo dos colonizadores que transformaram o cerrado num bom lugar para se viver e produzir.

Moradores idosos do Distrito Nossa Senhora da Guia: sujeitos da pesquisa lexical

A escolha dos sujeitos da pesquisa lexical é uma tarefa que requer cuidados especiais, afinal, serão eles os informantes-usuários dos lexemas a serem investigados e qualquer requisito ignorado nesta etapa poderá prejudicar todo o trabalho do investigador lingüístico.

Assim, para atendermos aos propósitos da pesquisa no Distrito da Guia nos pautamos nos requisitos de seleção de informantes proposto pelo Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB – e selecionamos aqueles itens que se adequavam aos objetivos do trabalho e ao local de inquérito.

Elegemos um número de quinze (15) sujeitos/informantes, de ambos os sexos, que tivessem como perfil: idade superior a 55 anos; nascidos no local e, preferencialmente, filhos de pais nascidos também na localidade; com profissão definida e, se possível, sem necessidade de mobilidade; analfabetos ou com grau de escolaridade mínimo (Ensino Fundamental incompleto).

Com base nestes requisitos, partimos em busca dos guianenses idosos que pudessem contribuir com a investigação.

Por não termos tido um contato anterior com os moradores da Guia, sabíamos que deveríamos buscar os primeiros informantes em um local público (igreja, praça...) e esses nos ajudariam a localizar os demais sujeitos da pesquisa, atendendo ao nosso questionamento final: “O Sr. (a Sra.) conhece alguém que possa nos ajudar nessa pesquisa?”

Desse modo, nos dirigimos à Sub-Prefeitura do Distrito Nossa Senhora da Guia e ali iniciamos nossa rede de contatos e entrevistas, que duraram, aproximadamente, quatro meses.

Inquéritos e conversas livres: a determinação dos instrumentos para a coleta semântico-lexical

Minha infância? Se tivesse colégio pra lá, onde eu morava, minha infância era no colégio pra mim sê gente agora; eu já falo assim. (...) Eu que fui criada no cerrado nunca fui no colégio. Lá num tinha, lá num tinha colégio... (DONA LUISA, 77 anos)

Reiteramos que o trabalho de coleta lexical e seleção de lexemas para análise da língua portuguesa na sua variante brasileira requer metodologias claras, planejamento e, especialmente, aporte teórico das ciências que estudam os fenômenos lingüísticos.

A busca pela genuinidade do falar de um grupo social determinado exige atenção e empenho do investigador, afinal “o léxico de uma língua natural por ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história” (BIRDEMAN, 2001, p.14) e ainda:

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. (...) O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. (BENVENISTE *apud* LEITE, 2003, P.28)

Apoiados nessas afirmativas voltamos ao ALiB para compor os instrumentos da coleta lexical e, assim, determinamos que utilizaríamos os recursos da conversa livre-dirigida, ou seja, iniciariamos nossas entrevistas com uma conversa informal sobre a vida do sujeito/informante e a partir das informações trazidas ao longo desse processo, direcionaríamos a fala para aqueles itens lexicais que entendíamos como pertinentes à pesquisa e à análise. Com este formato, as entrevistas se enriqueciam com *causos* e cantigas de nossos sujeitos/informantes.

Após inúmeras horas de gravações e transcrições concluídas, selecionamos os lexemas mais freqüentes nas falas dos moradores idosos do Distrito da Guia e

criamos tabelas de ocorrência que nos auxiliaram na escolha dos itens discutidos neste artigo. Exemplificamos tal tarefa com o campo semântico “alimentação e cozinha”:

Tabela 3 – Campo Semântico: ALIMENTAÇÃO E COZINHA (e utensílios)

Entrada	Nº. Ocorrências entre os idosos	Variantes entre o grupo dos idosos	Nº. de variantes no grupo dos idosos
QUITUTE	02	—	—
AFOGADO	03	Refogado	01
CHUÇADA	01	—	—
ENCAPADA	03	—	—
TACURU	04	Tapuru	01
		Tucuru	01
		Tucurum	01
BATEIA	02	Bateinha	01
GAMELA	03	—	~

Essas tabelas nos auxiliaram na determinação dos lexemas de entrada, sendo os de maior frequência entre o grupo dos idosos. As demais ocorrências foram analisadas como variantes registradas no grupo inquirido.

Análise semântico-lexical de *TACURU*, *BATEIA* E *PEJADA*: recorte demonstrativo num universo de cinquenta lexemas

As tabelas com as acepções dos dicionários atenderam os critérios pré-estabelecidos a partir dos objetivos da pesquisa lexical no Distrito da Guia, por isso observamos:

- A manutenção fidedigna do conteúdo registrado nos dicionários sem modernização de termos;
- O destaque (*itálico*) para as variações pesquisadas a partir do lexema de entrada quando não há registro deste;
- Os lexemas de entrada obedecem a coleta oral no grupo dos idosos sem modificação de nenhuma ordem na reprodução escrita (fonética, fonológica

ou lexical);

- Todas as informações trazidas pelos lexicógrafos quanto ao lexema analisado são transcritas na tabela (verbos, substantivos, adjetivos, advérbios e outros);
- Somente as acepções condizentes ao lexema de entrada são transcritas.

1. Entrada: TACURU

Contexto de Utilização:

“Brincava de boneca, panhava pedaço de cuia pra fazê; tinha panelinha que cozinhava no **tacuru**. Botava foia dentro e fazia de conta que era comida. E aí passava...” (Dona Geralda)

“Naquele tempo ia pro mato trabaiá e levava as panela de barro pra cozinhá no **tacuru**.” (Dona Nilza)

“Eu vi muito mamãe cozinhando no **tacuru** que se fazia no meio do mato onde tava prantando.” (Dona Chiquinha)

Variação no Grupo dos Idosos:

- TAPURU

“Nóis cozinhava na panela de barro feito assim no **tapuru** com três pedras – **tapuru** é de pedra, falava **tapuru**... É ter pedra: um pra cá, um pra lá e um pra qui. Aí pra cuzinhá fazia o fogo, apanhava a lenha e fazia o fogo. Nóis cozinhava nesses **tapuruzinho**.” (Dona Marcolina)

- TUCURUM

“(…) tudo limpinho lá debaixo do arvoredado. Aí nós fazia **tucurum** pra lá, outro pra cá e botava a panela, botava, fritava carne, botava o arroz.” (Dona Luísa)

- TUCURU

“Nesse tempo não usava nem fogão, era **tucuru** de pedra.” (Dona Augustinha)

TACURU

Lexema registrado em Freire, Aulete, Ferreira e Houaiss como sinônimo de *tacuruba*: trempe formada por três pedras soltas em que se assenta a panela (Freire, 1957); esta palavra nos dá idéia de um tipo de fogão rústico feito com três pedras postas em forma de triângulo que possibilitavam assentar panelas e nelas preparar os alimentos necessários. O mesmo significado trazido pelos informantes da Guia.

Borba registra *tacuru* como “casa de cupins”.

As variantes de *tacuru* (*tapuru*, *tucuru* e *tucurum*) colhidas entre os informantes evidenciam:

1. Uma possível variação fonético-fonológica, sem registro lexicográfico para *tucuru* e *tucurum*;

2. O uso de *tapuru* ou por variação fonético-fonológica ou por extensão de sentido - metonímia. A palavra, segundo HOUAISS, é um regionalismo de Mato Grosso e, tanto este lexicógrafo como Borba registram o lexema como sinônimo de *cupim*. Se observarmos os cupinzeiros espalhados pelo cerrado mato-grossense teremos a mesma impressão de vermos um tripé formado com uma base larga afunilada no alto.

Tomando essas informações, bem como, retomando os contextos de utilização do lexema e suas acepções dicionarizadas, concluímos que:

TACURU – é um regionalismo brasileiro com evidente manutenção semântico-lexical; **TAPURU** – é um lexema usado por metonímia ou ainda como uma variação fonético-fonológica de *tacuru*; e **TUCURU** e **TUCURUM** – são variações fonético-fonológicas de *tacuru*.

2. Entrada: BATEIA

Contexto de Utilização:

“Os prato era de madeira, é tudo de madeira, não tinha prato comprado; era só de madeira; aí nós ia e comia junto c’minha vó, uma **bateia** assim de madeira. Era tipo uma **bateinha** assim redondinha assim, o povo costumava fala gamela, toda de orelha de lado.” (Dona Marcolina)

“Gostava de come fedjão intero; cozinhava aquele fedjão aí eu tirava, botava na **bateia** com petxê e comia. Eu gosto mais do cardo.” (Dona Geralda)

Variação no Grupo dos Idosos:

- **Bateinha** (*vide Dona Marcolina*)

Variação estilística

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE
Bateia	Bátega de Agoa (termo ru[s]tico). Vid. Aguaceiro. Entre os ru[s]ticos, [s]e diz <i>bátega</i> , entre os marinheiros, aguaceiro.	<i>Batéa</i> s.f. Vaso como alguidar de madeira, com fundo afunilado, ou cônico; serve para lavagem do ouro, que fica no fundo, quando se lava a terra mineral, com que as piscas, e folhetas estão misturadas.	<i>Bátega</i> s.f. (Do árabe <i>bateja</i> , prato corvo, gamella) vaso como bacia, para serviço de mesa.	s.f. Vaso como o alguidar, de madeira, com o fundo afunilado ou cônico, o qual serve para a lavagem das areias auríferas ou cascalho diamantífero.

AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
s.f. vaso de madeira em forma de alguidar, que serve para lavagem das areias auríferas.	[Do ár. <i>Batya(t)</i> , poss.] substantivo feminino. 1. Gamela de madeira que se usa na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero.	substantivo feminino. Rubrica: termo do garimpo. Recipiente de madeira ou metal, de fundo cônico, onde cascalho, minério ou aluvião são revolvidos, em busca de pedras e metais preciosos.	<i>Nf</i> Gamela afunilada de madeira em que se lavam areias auríferas ou cascalhos diamantíferos.

BATEIA

Registrada por todos os lexicógrafos tomados para esta investigação, *bateia* (*bátega* ou *batéa*) quer dizer: vaso ou prato de madeira utilizado para lavagem das areias auríferas; objeto comum nos garimpos e entre os garimpeiros.

As informantes idosas da Guia fizeram uso desse lexema no contexto culinário, descrevendo-o como utensílio usado para substituir o “prato comprado” inexistente para as famílias da época.

Segundo elas, a *bateia* era talhada na madeira pelos próprios usuários (seus pais, mães, tios ou irmãos) e as crianças menores comiam junto com os mais velhos, pois não havia prato para todos: “aí nós ia e comia junto c’minha vó”.

Nesta perspectiva, retomamos a história de constituição do Distrito da Guia para buscarmos elementos que justifiquem a utilização de um objeto da garimpagem no dia-a-dia doméstico.

Sabemos pela história que os primeiros colonizadores a se fixarem nessas terras foram os garimpeiros e suas famílias em busca do sonho de riqueza produzido pelo ouro, logo após a descoberta de algumas pepitas deste minério às margens do Rio Coxipó-Açú.

Com este panorama constituído, muitos objetos específicos da garimpagem foram ganhando outras utilidades como é o caso da *bateia*, devido à pobreza que se instalava no local gerada pela escassez do ouro e grande quantidade de pessoas vivendo dele.

Concluimos assim, que *bateia* foi introduzida ao vocabulário culinário pelos garimpeiros que, além de utilizarem o objeto nas suas atividades profissionais, o produziam para o uso doméstico.

Por fim, temos duas situações formuladas:

1ª. partindo da acepção dicionarizada por Vieira *bateia* é, de fato, uma bacia para serviço de mesa e, assim, entre os informantes idosos da Guia, o lexema se mantém como um elemento comum ao seu vocabulário;

2ª. se observarmos os demais lexicógrafos, porém, apontaremos o uso de *bateia* como utensílio doméstico por derivação: extensão de sentido (metonímia).

3. Entrada: GRÁVIDA/PEJADA

Nesta entrada será trabalhado o lexema *pejada* - mesmo sendo utilizado por apenas um informante – por considerarmos o mais expressivo no contexto da investigação, já que a palavra *grávida* – verbalizada por quatro informantes – compõe o vocabulário atual.

Contexto de Utilização de PEJADA:

“Me deu dó de minha irmã quando ela tava **pejada** e que foi dar a luz a uma criança e essa criança morreu. Saí pra ficar lá no cerrado e disse assim: ‘Senhor Jesus Cristo, a moça que eu casá com ela, num deixa nós adquiri filho’, de dó da muié. De sofrimento.” (Sr.Samuel)

Variação no Grupo dos Idosos:

- *Não há registros*

Entrada e Variações	BLUTEAU	SILVA	VIEIRA	FREIRE
Pejada	<i>Não há registros</i>	<i>Pejado</i> p.pass.de Pejar. V. Ocupado. (...) // Prenhe [PEJAR] v.at. <i>Pejar a mulher</i> , v.n. conceber, ficar prenhe, emprenhar-se.	<i>Pejado</i> part.pass. de <i>pejar</i> . Ocupado, prenhe, grávido [syn. <i>Pejado</i> , prenhe]	adj.Fem. De <i>pejado</i> Diz-se da mulher e da fêmea dos animais, em estado de prenhez.

AULETE	FERREIRA	HOUAISS	BORBA
s.f. fêmea prenha <i>Pejado</i> ad. Cheio, carregado. //Diz-se da mulher ou da fêmea dos animais no estado de gravidez.	<i>Pejado</i> Adj. 1. Que sente pejo, envergonhado, acanhado. 2. Repleto, cheio. 3. Diz-se da mulher ou doutra fêmea em estado de gestação.	<i>Pejado</i> adjetivo 1 que tem pejo, vergonha; envergonhado, tímido 2 que tem a capacidade completa; carregado, cheio, repleto 3 diz-se de mulher ou animal fêmea prenhe	<i>Pejado</i> Adj. [Qualificador de nome humano ou abstrato] 1. Cheio, repleto; carregado [Classificador de nome humano no feminino] 2. em estado de gestação

PEJADA

O adjetivo tomado como sinônimo de grávida e verbalizado pelo Sr.Samuel, apesar de sua aparente estranheza, evidencia manutenção semântico-lexical e está dicionarizado por todos os lexicógrafos.

Palavra registrada pela primeira vez por A.G. Cunha no *Índice do Vocabulário do Português Medieval*, em 1986, o lexema aparece uma única vez nas inquirições no Distrito da Guia, mas chama a atenção do ouvinte/leitor.

Nosso informante - Sr.Samuel – temendo não ser compreendido, logo ao verbalizar o lexema tratou de modernizá-lo durante a explicação do que era esta condição de *pejada*: “Pejada... é grávida, prenhe. Minha irmã tava pejada, esperando um filho.”

De todo modo fica evidente sua opção por *pejada* ao longo do discurso e por isso nosso interesse em investigar o uso corrente deste vocábulo na localidade.

Considerações Finais

O trabalho do pesquisador lingüístico é infundável porque sempre há algo para ser investigado, registrado, conhecido...

Análises são feitas a partir das referências de cada pesquisador e, por isso, elas não se esgotam.

No Distrito Nossa Senhora da Guia colhemos muitos lexemas que nos serviram de estudo e provocaram algumas indagações acerca da variante da língua portuguesa falada no Brasil. Além disso, esses vocábulos demonstrarem que, mesmo nas comunidades mais longínquas e com um público tão específico e conservador quanto o de idade superior a 55 anos, a língua não é um sistema isolado. As interferências externas são capazes de modernizar termos e transformá-los no passo das mudanças sociais.

Que estas indagações nos motivem a prosseguir na labuta lingüística, afinal, é por ela e com ela que buscaremos referências que identifiquem nossa língua portuguesa como única, mesmo sendo constituída a partir de um sem número de interferências étnico-culturais.

Referências bibliográficas

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3ª ed., 1948.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas/SP: Pontes, 1989.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e contrastes**. *Revue Belge de Philologie Et D' Histoire*, Liège. 2001.

- BLUTEAU, Pe. Raphael. **Vocabulário Português-Latino**. (digitalizado), 1712-1728.
- BORBA, Francisco S. **Dicionários de usos do Português do Brasil**. São Paulo/SP: Ática, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística – uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A geolinguística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna**. In: ABRALIN – Boletim da Associação Brasileira de Linguística: Florianópolis, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed., 1986
- FERREIRA, Carlota da Silveira. CARDOSO, Suzana. **A Dialetoлогия no Brasil – Metodologia de Trabalho Dialeto, Inquérito Linguístico e Atlas Dialetoológico, Regionalismos Léxicos**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, 1922.
- HYMES, Dell. “Posfácio”, em: BURKE, Peter / PORTER, Roy (orgs.) (1993): **Linguagem, indivíduo e sociedade**, São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- HOUAIS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, 2001.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia** - 2ª. ed. Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2001.
- LEITE, Marli Quadros. **Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico**. IN: PRETI, Dino (org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2003.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Tese de Doutorado. **Aspectos Fonológicos do Português Falado na Baixada Cuiabana - Traços de Língua Antiga Preservados no Brasil**, 2000.

SILVA, Antônio Morais. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed., 1813.

VIEIRA, Frei Domingos. **Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa**, 1871-1974.

ATLAS LINGÜÍSTICO BRASILEIRO (ALiB), Comitê Nacional do Projeto ALiB.
Londrina: UEL, 2001.